



JORNALISMO LITERÁRIO E ANÔNIMOS COMO FIGURAS SOCIALMENTE MARGINALIZADAS: UM FUNDAMENTO FOLKCOMUNICACIONAL?¹

Andreza Silva Pereira²
Yuji Gushiken³

Resumo

O objetivo do presente trabalho é explicitar a convergência teórica das contribuições do jornalismo literário e da folkcomunicação. Reside nesses esforços comunicativos uma aproximação da alteridade humana marginalizada. A incorporação das técnicas literárias pelo jornalismo flexibiliza os modelos narrativos da notícia ampliando a concepção e tratamento da personagem que vive a história contada. Tal aproximação tem seus alcances limitados na chamada comunicação de massa e no jornalismo tradicional devido às dinâmicas operacionais e políticas que lhes são próprias. De posse dessa premissa, buscamos pôr em diálogo autores dos campos e discorrer sobre a complexidade da realidade que apontam como fator propulsor essencial para esgarçar as bordas da comunicação hegemônica.

Palavras-chave: Jornalismo literário, folkcomunicação, marginalização, anonimato, jornalismo tradicional.

Introdução

O jornalismo literário pode ser concebido como uma forma de hibridação entre o jornalismo e a literatura: uma relação discursiva que produz narrativas baseadas na realidade e investidas dos recursos expressivos da linguagem literária. Alguns estudiosos

¹ Trabalho apresentado no GT 1: Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia, da XVII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, de 10 a 12 de junho de 2015. Artigo produzido no âmbito do projeto de pesquisa “Modernização tecnológica e midiática: Imagens da cidade e demandas do cosmopolitismo” (Propeq/UFMT), no Núcleo de Estudos do Contemporâneo (NEC-UFMT) e da Linha de Pesquisa em Comunicação e Mediações Culturais do Programa de Pós-Graduação (M/D) em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT), em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

² Jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT/Cuiabá). E-mail: andreza.silvapereira@gmail.com.

³ Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCOUFMT/ Cuiabá). E-mail: yug@uol.com.br.



do tema tratam essa intersecção como um terceiro gênero (PENA, 2011, p. 21) e outros, como uma técnica de escrita (VILAS BOAS, 2003, p.10).

Investigar o jornalismo literário é tratar de um conceito, por definição, fronteiro, que demanda clarificação por assentar-se numa ideia aparentemente paradoxal: o entremeamento de literatura e jornalismo. A oposição entre as duas instâncias narrativas, que não esteve imune de um processo de construção histórica e teórica, posiciona a própria conceituação do objeto em tela como um problema de pesquisa.

Ainda num esforço conceituador do jornalismo literário, cabe afirmar que não é pertinente enquadrá-lo como um “movimento”, no sentido de uma corrente coesa de ideias pré-estabelecidas com um nascimento histórico pontual. As manifestações dos séculos XVIII e XIX, como o realismo literário, as crônicas modernas e os folhetins podem ser tidos como antecedentes do jornalismo literário contemporâneo, mas para autores como BERN (apud LIMA, 1993, p. 142), “A narrativa jornalística literária de hoje reflete o processo de evolução de toda a redação jornalística”.

A acolhida do exercício poético da linguagem pelo jornalismo não provoca uma ruptura apenas no nível formal da narrativa noticiosa. A contestação da padronização dos textos nas fôrmas do lead e da pirâmide invertida, consagradas pelo paradigma da objetividade, refletem uma ressignificação mais ampla da interpretação da realidade e da concepção de notícia. Fazer com que um relato alcance um lugar de perenidade e profundidade que não se limite ao acontecimento que lhe deu origem, mas transcenda-o, é um dos propósitos fundamentais da produção jornalística literária.

A estética literária no jornalismo se encadeia com outros elementos essenciais como o emprego de uma voz autoral, a imersão na história abordada, o simbolismo e o foco em pessoas comuns.

Aproximando-nos da questão que suscita este artigo, passemos a situar o problema da marginalização no jornalismo literário. Como enunciamos anteriormente, o jornalismo literário traz novos significados a todo o processo de produção jornalística, do pautamento e seleção dos valores-notícia à edição. Afirmar que esse jornalismo volta-se mais atentamente aos anônimos como figuras socialmente marginalizadas implica situar a matéria da personagem.

Nas clássicas seis perguntas que sustentam a apuração jornalística, a personagem corresponde ao “Quem?”. O jornalismo se apoia na fala do outro, seja na da fonte, seja na



da figura que vive os fatos relatados. A personagem tem como função, na teoria do jornalismo, dentre outras, a de legitimar, ilustrar, vivificar a matéria tornada pública. Há o objetivo de extrair um testemunho, sendo o profissional, um mediador de discursos “o jornalista deve ser aquele que conta a terceiros, de maneira inteligível, o que acabou de ver e ouvir” (ABRAMO, 1988, p.110).

Lançar mão da ideia mesma de construção de personagem no jornalismo é, como vimos, reforçar o fundamento realista de que o jornalismo veicula a verdade. De outro modo, essa mesma concepção traz em si elementos ficcionalizantes. “Construir” um personagem redonda em fundar uma narrativa, um percurso lógico e coerente, pôr os fatos em relação, tecendo a urdidura do enredo. “Para dar sentido aos dados que coleta, o jornalista seria forçosamente levado a explorar as similaridades metafóricas entre os conjuntos de acontecimentos reais e as estruturas de ficção” (CASADEI, 2010, p. 85).

O jornalismo carrega também a concepção, que se desenvolveu somente com a emersão da literatura moderna e do romance, de que a vida é história. O indivíduo, destituído da figura de herói, adentra o enredo com suas angústias e contradições não apenas como um reflexo de sua sociedade, mas como um ser com contornos e valor próprios.

Voltar-se para pessoas comuns, evitar os definidores primários (fontes oficiais) são norteadores do jornalismo literário. Amolda-se a esse intento uma perspectiva de humanização e de desvelamento de outros modos de vida não contemplados pelos processos de padronização e estereotipização reforçados pela mídia hegemônica. A descrição de pessoas e ambientes, o registro de diálogos completos, a superação dos limites dos acontecimentos cotidianos são algumas dos procedimentos discursivos que orientam o processo de humanização.

Agir de modo a dar lugar a tais vozes é promover polifonia discursiva, tensionar discursos sociais texto, explicitar na esfera verbal as contradições presentes na própria estrutura da sociedade.

O modelo tradicional de jornalismo é, podemos dizer, monológico, uma vez que utiliza declarações de fontes, em geral, para reforçar uma estrutura discursiva coerente, sem conceder-lhes autonomia. As malhas mais flexíveis do jornalismo literário, no entanto, permitem, assim, criar textos informacionais polifônicos, dialógicos, abertos a múltiplas interpretações e



à convivência de visões antagônicas, sem haver uma preocupação de lançar-lhes juízos de valor que lhes ditem uma coerência ou sentido pré-estabelecido. Isso pode se dar tanto pela pluralidade de fontes quanto pela variação e interação dos discursos e ideologias implicados nos personagens e situações retratados, pela abordagem tanto do discurso oficial e não oficial a seu respeito quanto da ideologia oficial e ideologia do cotidiano (BAKHTIN, 2001), que juntas constituirão perfis humanizados. (PASSOS, 2014 p. 70)

Feito esse breve percurso a fim de situar a questão do lugar do papel do personagem comum no jornalismo literário, relacionamo-la ao conceito de folkcomunicação.

Jornalismo Literário e Folkcomunicação

O conceito de folkcomunicação, criado por Luiz Beltrão, pode ser entendido como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta e indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24). Tal concepção foi animada pela interrogação de que espécie de jornalismo atenderia à necessidade de comunicação das classes marginalizadas.

Reconhecer a peculiaridade de um processo comunicacional feito pelas e para as classes marginalizadas, entendendo-se classes marginais como as compostas por indivíduos “à margem de duas culturas e de duas sociedades que nunca se interpenetraram e fundiram totalmente (ibid, p. 39)” acarreta conceber a inadequação das mídias comunicativas tradicionais para alcançar esse público.

A eficácia da recepção das mensagens industrializadas da Comunicação de Massa junto aos públicos marginalizados, segundo o autor, é duplamente afetada seja porque não têm possibilidade econômica de acesso aos produtos seja porque não dominam o repertório intelectual necessário para usufruir dele.

Concorre ainda o problema da identificação. As vivências, experiências e necessidades desses grupos não são contempladas a contento pelos conteúdos veiculados nos meios de comunicação hegemônicos. Sendo assim “um outro complexo de



procedimentos, modalidades, meios e agentes elaboradores e emissores de mensagens (...) expressivas de sua ideologia, aspirações e opiniões” (ibidem, p. 23) se forma.

Tal distância entre esses sistemas de intercâmbio de informações tem antecedentes históricos distantes, assentados na estrutura socioeconômica do país, também apontada por Beltrão. Nosso processo desenvolvimentista e civilizatório sempre foi excludente e marginalizador, inaugurado por um sistema colonial e o jornalismo acabou por refletir todo esse apartamento. Ao sistema de comunicação social coube e cabe um papel ideológico de perpetrar o projeto imperialista cultural das elites eruditas.

A emergência da folkcomunicação como prática e objeto de estudo acadêmico se faz especialmente pertinente em países como o Brasil, caracterizado por males tais quais os altos índices de pobreza e analfabetismo, a má distribuição de renda, a intensa corrupção e frequentes crises institucionais. A comunicação convencional não seria suficiente para visibilizar e amainar todo esse quadro, ensejando-se uma atividade comunicacional de outra natureza.

O agir folkcomunicacional redunda num processo informativo artesanal e horizontal de troca de signos realizado por um líder agente-comunicador que nem sempre utiliza canais indiretos e industrializados. A presença desse outro sujeito comunicador evidencia a não onipotência dos meios de comunicação de massa no processo de transmissão da mensagem e a relevância da função do mediador na ressignificação e posterior reenvio do conteúdo recebido à sua audiência.

Folkcomunicação e jornalismo literário convergem centralmente quanto à busca de uma complexidade comunicacional e ao apontamento das limitações de alcance dessa complexidade pelas mídias tradicionais. Convergem ainda em relação à seleção dos indivíduos-tema privilegiados por essa comunicação complexificada e alternativa: os marginalizados, os anônimos, os comuns.

Lançar luz sobre os anônimos da sociedade clarifica as contradições subjacentes a esse anonimato. Numa perspectiva crítica, jornalismo literário e folkcomunicação intentam fazer da informação uma ferramenta de reflexão sobre o modo de operação a que as relações sociais estão submetidas, sublinhando o sentido etimológico de comunicação: “tornar comum”, “partilhar”. Nas palavras do jornalista uruguaiano Eduardo Galeano, “buscamos interlocutores, não admiradores; oferecemos diálogo, não espetáculo. Escrevemos a partir de uma tentativa de encontro – para que o leitor comungue com as



palavras que nos vieram dele, e que a ele regressam como impulso e profecia” (GALEANO, 1978, p. 21).

Para humanizar o marginal, o anônimo, faz-se necessário reconhecer sua alteridade, vê-lo para além dos estereótipos comumente propagados pela grande mídia, concebê-lo como personagem complexos não limitado pelo olhar planificador do senso comum. É preciso que o jornalismo se abra ao outro, a vozes silenciadas, a saberes e histórias segregadas do circuito intelectual oficial dando lugar a uma visão ampliada da realidade. Desse modo, forma-se um espaço de trânsito possível entre a cultura de massa e a cultura popular, o global e o local, o geral e o particular.

A capacidade de imersão do jornalismo literário na trama narrada seria um meio de aproximação das peculiaridades das manifestações culturais populares. Conceber tais peculiaridades culturais como notícias já requer questionamento dos padrões de pautamento da imprensa industrial, fundamentados nas noções de abrangência e generalidade.

Os critérios de noticiabilidade e a formulação dos textos do jornalismo tradicional estão intimamente relacionados a uma “angulação-massa” (MEDINA, 1978, p. 20), ao direcionamento a um imaginário homem médio. Os discursos da comunicação social são dirigidos ao mundo e não a um mundo específico. Esse pressuposto tende a fazer com que o próprio conteúdo retratado seja planificado e padronizado a fim de atingir um grande número de pessoas numa lógica que não deixa de se assemelhar à de consumo capitalista.

A notícia atribui sentidos ao mundo. Os acontecimentos são tornados significativos pelos meios de comunicação, que, por sua vez, não deixam de interpretar e construir estes mesmos “fatos”. Sustentar o pressuposto de que as notícias constroem a realidade requer contestar as teorias da notícia como um espelho do mundo e a confiança de que os procedimentos narrativos padronizadores do texto, como o lead e a pirâmide inversa, são capazes de garantir objetividade absoluta ao relato.

O tratamento massificado e atrelado ao factual dos indivíduos pelo jornalismo tradicional estaria, portanto, ligado à sua própria identidade procedimental e sua procura por essa audiência-média. O jornalismo literário, de outro modo, tem como discurso orientador destacar as personagens da massa, apreendendo suas singularidades. Para COELHO, jornalista e escritora, que se investe dessa percepção:



(...) o jornalismo tende a perpetuar umas ficções, uns borrões da realidade que não são o real; e a tentativa que o jornalismo deveria ainda praticar (...) é de justamente, tocar esse real que fica escondido e que fica oculto nesse borrão em que as pessoas não se destacam. Em que as pessoas ficam na massa, uma espécie de argamassa, em que são todas iguais, ou então são simplesmente uns, umas generalizações, ou muçulmanos, ou os judeus, os favelados. O que me interessa é recortar cada fragmento dessa imagem e, com uma espécie de lupa, olhar para ela, com uma noção do seu contexto, mas tendo a noção de que ela é absolutamente singular. E isto é político. Ao dar dignidade a cada pessoa, independente do seu contexto, temos estabilizar um valor inteiro, e isso é político. Isso retira da ficção, do borrão. (COLEHO in MAROCCO, 2012, p. 160-161)

Tornar pública a identidade marginalizada compreende dar forma a uma realidade mais profunda, que acomoda símbolos não aparentes num olhar primeiro. O jornalismo literário em sua forma contemporânea, fortemente influenciado pelo denominado “Novo Jornalismo” se desenvolve sob o signo da complexidade, da profundidade, da crítica à precariedade sócio das mídias tradicionais.

O Novo Jornalismo, que tem origem na segunda metade do século XX, em publicações jornalísticas estadunidenses, contesta os padrões de escrita solidificados com a profissionalização e industrialização da imprensa diária, que separou fato de opinião. Fomenta-se um texto que não tem como finalidade última ser facilmente digerido pelo receptor, mas que se propõe a apresentar a matéria da vida de forma imaginativa e narrativa, abrindo um espaço de fôlego na redoma massificadora do jornalismo tradicional.

Este novo espaço comporta também novas pessoas: fontes e personagens distantes dos circuitos de poder e de autoridade aos quais a mídia tradicionalmente recorre. Optar por situar a voz do anônimo na narrativa faz com que o espectador se depare com uma identidade não conhecida, não histórica, distinta das fontes renomadas que direcionam a leitura a expectativas e sentidos prévios.

São várias as narrativas que poderiam ser citadas como exemplares desse movimento enquadrador do anônimo e do marginal no jornalismo literário. “(...) muitos perfis ou entrevistas tem como personagens principais pessoas anônimas e, de uma forma geral, elas instauram mesmo este “morfema vazio”, que é descoberto aos poucos à medida que o texto se desenrola e a personagem nos é apresentada” (CASEDEI, 2010, p. 87).

Em 1946, John Hersey escreve a grande reportagem “Hiroshima” para a revista *The New Yorker*. Seu objetivo foi fazer um relato do impacto da bomba atômica lançada sobre



a já rendida cidade japonesa no ano anterior. A bomba matou mais de 100 mil pessoas e feriu seriamente outras 100 mil. O autor fez uma intensa apuração dos antecedentes e repercussões dos acontecimentos tendo como linha narrativa a vida de seis vítimas anônimas atingidas pela bomba.

Numa perspectiva humanizadora do texto, ele acompanha os seis sobreviventes nos dias subsequentes à explosão e 40 anos mais tarde. Foi exatamente este recorte que fez a obra inovadora. Não há fontes secretas ou informações técnicas desconhecidas sobre os efeitos de um dos eventos mais marcantes do século XX. Num momento em que as pessoas eram contabilizadas como números da guerra, Hersey vai buscar no particular a matriz de sua história.

“O olho da rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real”, escrito pela jornalista brasileira Eliane Brum, é uma obra nacional também relevante por focalizar os anônimos enfatizando a ideia de apuração da alteridade. Brum reúne dez de suas matérias publicadas na revista Época entre os anos de 2003 e 2007. As personagens são homens e mulheres do povo, cujas histórias cotidianas, ainda que de contornos conhecidas da grande massa, não são detidamente cotadas pela mídia tradicional.

Abrem o livro os dias vividos pelas experientes parteiras das florestas do Norte do país. O conflito de terra entre indígenas e extrativistas em Roraima, a história de um menino que deixou o mundo do tráfico de drogas, a corrida de ouro em um garimpo da Amazônia tematizam outras das reportagens. A escritora demonstra grande capacidade de observação ao registrar as miudezas que caracterizam cada identidade mostrada intrincada ao seu contexto. Gestos, comportamento, costumes, tradição são registrados com acuidade e apuro formal alçando a linguagem a lugar proeminente.

Metáforas e metonímias são recorrentes no campo de referências que a jornalista usa para caracterizar as personagens. Relações não usuais de sentido conferem identidade ressignificada aos indivíduos e grupos retratados, tirando-os do círculo limitador do estereótipo e da visão da tradição popular como algo inerte, desprovido de atualizações.

“Fama e Anonimato”, de Gay Talese, aborda de forma emblemática a questão numa das maiores cidade do mundo, Nova Iorque. Talese reconhece que haveria elementos que não poderiam ser apreendidos por um estilo de reportagem mais convencional e considera no Novo Jornalismo a busca por uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos possíveis de verificação.



O texto se divide em três partes. Na primeira, o autor dedica-se a desvelar a vida de anônimos e buscar fatos insólitos da cidade. Na segunda, são os trabalhadores que construíram a ponte Verrazano-Narrows a terem suas vidas contadas. Na terceira, faz-se o caminho inverso: pessoas famosas são desmitificadas e apresentadas sob outro ângulo, em situações ordinárias que negam o culto midiático às celebridades.

A narrativa vai em busca dos tipos que povoam a cidade que ninguém vê, que não figura nos guias turísticos, iluminando a engrenagem de trabalhadores que faz com a grande máquina citadina funcione todos os dias. “Nova York é a cidade de Jum Torpey, que opera as lâmpadas do painel de notícias de Times Square desde 1928, sem nunca ter figurado nele uma vez sequer (...) (TALESE, 2004, p. 37)

Um dos subtítulos da primeira parte do livro leva o nome de “Nova York é uma cidade de personagens”. Motoristas de ônibus, telefonistas, faxineiras, engraxates compõem a narração. Para o autor, a cidade engendra o anoninamato, a individualização, a fragilização das relações. “Nova York é uma cidade de vizinhanças onde as pessoas não têm vizinhos” (ibid, p. 52).

A narrativa passa, então, a tratar da trajetória dos *boomers* que construíram a famosa ponte nova-iorquina e termina mostrando a vida de pessoas muito conhecidas sob uma perspectiva pouco explorada. É o resfriado, por exemplo, que titula a reportagem sobre Frank Sinatra.

Considerações Finais

Propor um modelo comunicativo alternativo ao da grande mídia, humanista e atento às populações anônimas marginalizadas é um intento comum ao jornalismo literário e à folkcomunicação. De posse de formas de operacionalização distintas e peculiares, acolhendo o potencial revolucionário do signo literário ou deslocando o polo de produção e recepção da informação, ambos reconhecem a insuficiência do jornalismo tradicional em compreender a complexidade de seu entorno. As fôrmas rígidas da mídia covencional , sob o risco da automatização e reificação da prática jornalística, não se mostraram capazes de dialogar com a realidade.

A vida e o mundo não se cansam de mostrar que não cabem em, nem suportam uma pirâmide invertida. Inútil arrochar o cinto do presente imediato para tentar fazê-lo entrar, aos tapas e empurrões,



na cela forte do pensamento monocausal redutor e determinista, das técnicas e vícios que desse pensamento emergem e nele se sustentam. Pessoas, fatos e situações não se deixam reproduzir simbolicamente nos estreitos limites da certeza que pretende se revestir um conceito. (KÜNSCH, 2000, p.17)

As duas formas de discurso se revestem de uma tonalidade política, contracultural. Ética e estética conversam sinalizando novas formas de pensar a relação entre comunicação e sociedade.

A atuação do jornalismo literário é, também, política, como discute Pauly (1990) ao reforçar a adesão do movimento do Novo Jornalismo à contra-cultura norte-americana, relação que se tem perdido no plano teórico e prático do gênero; e seu papel também é o de confrontar visões de mundo hegemônicas (...) (PASSOS, 2014 p. 70)

Acreditamos que a pesquisa desenvolvida, com seus alcances e limitações, pode dar contribuições ao atual estágio da teoria respeitante ao tema. Cabem aprofundamentos e explicitação de novos pontos de contato na relação ainda pouco explorada de jornalismo literário e folkcomunicação.



Referências Bibliográficas

ABRAMO, Claudio. **A regra do jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

CASADEI, Eliza Bachega. “A construção de personagens no jornalismo: entre a matriz de verdade presumida e a imaginação das urdiduras de enredos”. In: **Ciberlegenda**, n. 22, 2010.

GALEANO, Eduardo. **Vozes e crônicas: Che e outras histórias**. São Paulo: Global/Versus, 1978.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KÜNSCH, Dimas A. **Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2000.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MAROCCO, Beatriz. Os "livros de repórteres", o comentário e as práticas jornalísticas. **Contracampo** (UFF), v. 22, p. 116-129, 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/86/67>>.. Acesso em: 20 maio 2015

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978.

PAULY, J. The politics of new journalism. In: SIMS, N. (Org.). **Literary journalism in the twentieth century**. New York: Oxford University Press, 1990. p. 110-129.

PASSOS, Mateus Yuri. . Jornalismo literário, humanização e polifonia: perfis da música erudita em Piauí. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 15, n. 36, p. 64-78, 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. 2a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



VILAS BOAS, Sergio. **Perfis:** e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.